

A década de conquistas da Bioética no Brasil: uma visão transatlântica

A decade of achievements of Bioethics in Brazil as seen from this side of the Atlantic

Walter Osswald*

Ana Sofia Carvalho**

A nota editorial que serve de pórtico ao número 4 do volume 6 da Revista Bioethikos (outubro-dezembro de 2012), assinada pelos seus Editores-Chefes, Leo Pessini e William Saad Hossne, suscita a estes leitores atentos, que não deixam de ver o Brasil para além da vastidão atlântica que nos separa e nos une, as seguintes (breves) reflexões:

1. É um facto iniludível o aumento muito considerável das dimensões da Bioética no Brasil, a nível institucional, social e profissional, e com tal se regozijam os cultores da Bioética em outras latitudes e, certamente, muito em particular em Portugal. Sem repetir a estafada e por vezes simplesmente oportunista imagem da fraterna relação entre os dois Países, seguro é afirmar que proximidades e raízes comuns, para além da língua, nos levam a seguir com interesse, atenção e também com participação afectiva, tudo o que no plano da Bioética vai acontecendo no Brasil. Saudamos, pois, com grande satisfação esta evolução conseguida na última década.

2. Estes factos são tanto mais de sublinhar, quanto é certo que o nascimento e primeira infância da Bioética no Brasil foram atribulados e tardios. Há, por isso, um longo caminho a percorrer, mormente na educação em Bioética: sem um núcleo apreciável de mestres e doutores em Bioética, que num país com as dimensões do gigante brasileiro não poderá ser inferior ao milhar, os importantes aspectos da educação do público em geral e da deliberação bioética que fundamente a tomada de posição e a atitude legislativa, estarão dificilmente assegurados. Lucidamente o reconhecem os Autores da nota editorial, ao referirem a “evidência clara de que faltam educação e cultura bioética”.

3. Dadas as afinidades electivas existentes entre os nossos dois países, como se aponta em 1., e as relações de amizade pessoal e de colaboração existentes entre nós (e citaria, a título de mero exemplo, os nomes de Volnei Garrafa, Barchifontaine, Elma Zoboli, Fermin Schramm, José Eduardo de Siqueira, Márcio Fabri dos Anjos, Cláudio Lorenzo e *last not least*, Leo Pessini e William Saad Hossne; e, deste lado, Maria do Céu Patrão Neves, António Barbosa, Daniel Serrão, Jorge

Biscaia, Lucília Nunes, nós próprios), teremos o maior proveito e mútuo interesse em promover, reforçar e aprofundar as nossas vias de comunicação e intercâmbio, laços sempre reforçados pela realização dos sete Congressos Luso-Brasileiros de Bioética, levados a cabo bienalmente, com localização alternada nos dois países. Para além disso, a cooperação entre as revistas brasileiras (Revista Bioethikos, Revista Brasileira de Bioética e Revista Bioética) e a única existente em Portugal (Revista Portuguesa de Bioética) deve ser reforçada, passando pela publicação mais frequente de trabalhos oriundos de grupos de investigação do outro país e, por exemplo, pela publicação de Abstracts das diversas revistas. Contribuir-se-ia assim para maior literacia: é pouco adequado ou toca as raiais do absurdo encontrar, na bibliografia de um artigo brasileiro ou português, referências exclusivamente anglo-saxónicas quando existem investigações conduzidas em meio cultural e socialmente mais relevante, que é um dos nossos.

4. Finalmente, gostaríamos de subscrever a opinião dos Editores no que concerne à criação de uma Comissão ou Conselho nacional de Bioética no Brasil. A inexistência desta instituição é uma grave lacuna, imprópria de um Estado democrático e responsável, respeitador dos princípios de cidadania e fundamentação ética da legislação. A nossa experiência (também pessoal) com o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, existente e actuante desde 1986, prova convincentemente que um fórum deste tipo, aberto e representativo de várias correntes bioéticas, capaz de aconselhar (i. é, sem carácter vinculativo nos seus pareceres) e orientar o legislador, é da maior importância. Mesmo quando são polémicas as suas tomadas de posição (ou até sobretudo nessas circunstâncias), a sua influência é altamente positiva, lançando a discussão e fomentando a reflexão sobre as mais cruciais questões da actualidade, na relação entre Bioética, Sociedade e Direito.

Terminamos como iniciamos: alegremo-nos com a força vital e o crescimento da Bioética e prevemos a sua consolidação e crescente importância no Brasil.

* Professor Catedrático Aposentado (Faculdade de Medicina da Universidade do Porto) e Detentor da Cátedra UNESCO de Bioética (Portugal).

** Professora Doutora. Professora Associada da Universidade Católica Portuguesa. Directora do Instituto de Bioética desta Universidade.